

**Domingos José Matos Sousa Faria**

**Encontro de Amor**  
**Ensaaios de Filosofia**

FICHA TÉCNICA:

Título: Encontro de Amor - Ensaios de Filosofia

Autor: Domingos Faria ([www.domingosfaria.net](http://www.domingosfaria.net))

Edição do Autor

Capa: Sítio do Livro

1.<sup>a</sup> Edição

Lisboa, 2009

Impressão e acabamentos: Agapex

Depósito legal: 303288/09

ISBN: 978-989-20-1835-5

© Todos os Direitos Reservados

Publicação e Comercialização

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2 - C

1700-116 Lisboa

[www.sitiodolivro.pt](http://www.sitiodolivro.pt)

*Para os meus pais, José e Fátima,  
que me ajudaram na concretização deste projecto.  
Agradeço o seu exemplo, a sua vida, a sua doação.*

*Para todas as pessoas que querem ser realmente pessoas  
pela participação no Encontro de Amor.*

*Para a Verinba, que pelo Encontro de Amor,  
me estimulou a desenvolver estas reflexões filosóficas.*



## Índice

*"Nulla est homini causa philosophandi nisi ut beatus sit".*

*S. Agostinho*

*"O Homem não morre quando deixa de viver,  
mas sim quando deixa de AMAR".*

*Charlie Chaplin*

O Encontro Personalizante do Ser Humano.....	7
O dilema de ser Família hoje .....	27
Do Supremo Legislador Moral ao Tu Eterno da Relação .....	43
A Problemática Pós-Moderna da Violência Ontológica .....	69
A Caminho de uma Acção de Amor .....	77



# O Encontro Personalizante do Ser Humano

*“No princípio é a relação”*

## 1. Introdução

A reflexão antropológica proporciona-nos as seguintes questões: O que é o ser humano? Quem sou eu que sou humano? Após análise destes problemas, pretendemos (com a ajuda de Martin Buber) reflectir sobre a dimensão relacional do ser humano como uma plausível resposta a estas questões.

Perspectivamos que o encontro personalizante do ser humano é fundamentador da existência. Deste modo, numa primeira parte, salientaremos a opção por uma leitura relacional da existência humana face a outras concepções mais redutoras. Por conseguinte, analisaremos pormenorizadamente a filosofia buberiana, a qual reflecte de modo eloquente que é no encontro que plenamente existimos e nos realizamos enquanto pessoas. Do mesmo modo, debruçaremos sobre a vivência do encontro em situações concretas; onde, por fim, alvitramos a necessidade de uma regeneração na humanidade para uma verdadeira relação doadora de ser.

## 2. A Existência e o Encontro

### a) Abandono da dimensão substancial do ser humano

A dimensão substancial do ser humano foi (e ainda é) um dos pressupostos tradicionais da filosofia e teologia, num paradigma marcadamente “aristotélico-tomista”<sup>2</sup>. Este paradigma baseia-se na categoria da “substância”. Pois, “o eu pessoal não pode corresponder aos seus passageiros estados físicos, psicológicos, afectivos, estéticos, etc. Sob o devir de tais estados alguma coisa de estável deve existir, um

---

<sup>1</sup> BUBER, M. – *Eu e Tu*. Trad. e Introd. de N. A. Von Zurben. São Paulo: Centauro Editora, 1977, p. 31.

<sup>2</sup> Cf. DINIS, Alfredo – “O que é o Ser Humano? Desafio das Ciências Cognitivas”. In: MAJOR, João Carlos – *O que é ser humano?* CD-ROM v1.0. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga; IPDCC, 2003, p. 5.

«eu» substancial e permanente”<sup>3</sup>. É neste contexto que surge a definição clássica e famosa de Boécio: “a pessoa é uma substância individual de natureza racional”. A modernidade também não escapou a este paradigma, acabando mesmo por insistir radicalmente na substância individual. Descartes, o pai da modernidade, duvida até que conheça algo absolutamente certo, que culmina na substância monológica “Eu sou, eu existo”<sup>4</sup>, levando à enorme separação entre “res cogitans” (coisa pensada) e “res extensa” (coisa extensa, corpo, mundo), como a intuições forçadas sobre a glândula pineal (para unir alma e corpo).

Com o advento das ciências cognitivas este paradigma dualista substancial começou a ser posto em causa. Nomeadamente autores de perspectivas anti-essencialistas e anti-metafísicas (como Paul Churchland, Daniel Dennett, Richard Dawkins, entre outros) dirigem-se para o outro extremo em favor de um “materialismo eliminativista” (como reacção ao paradigma tradicional da natureza não corpórea da mente ou alma). Assim, ser pessoa refere-se sobretudo ao biológico, e “o nascimento de um eu, tal como a sua existência e a sua morte, são questões a ser resolvidas única e simplesmente em termos neurobiológicos”<sup>5</sup>. Portanto, o que define o ser humano é apenas e só uma natureza biológica, nada mais.

No entanto, sem desprezar os novos dados das ciências cognitivas, parece-nos redutor eliminar a metafísica a favor de uma explicação puramente biológica do ser humano. Pois, uma concepção meramente biológica do ser humano esquece a fundamental dimensão relacional<sup>6</sup>. Pensamos que é adequada uma perspectiva mais equilibrada<sup>7</sup>, que sem esquecer a condição necessária (mas não

---

<sup>3</sup> DINIS, Alfredo – “Ética e Identidade Pessoal: o Impacto das Ciências Cognitivas”. In: *Brotéria*. V. 156 (2003), n. 2, pp. 121-122.

<sup>4</sup> Cf. DESCARTES, René – *Meditações Sobre a Filosofia Primeira*. Coimbra: Livraria Almedina, 1976, pp. 118-119.

<sup>5</sup> DINIS, Alfredo, *Op. Cit.*, pp. 131.

<sup>6</sup> Alfredo Dinis advoga que a dimensão relacional do ser humano “não é apenas mais uma característica do ser humano a juntar a tantas outras, mas uma sua dimensão realmente constituinte, o fundamento real e objectivo do *self*”. *Ibidem*, p. 132.

<sup>7</sup> Ricoeur defende uma perspectiva mais equilibrada; pois, uma perspectiva puramente fisicalista não responde a tudo. Por exemplo, “o meu cérebro não pensa, mas, enquanto penso, passa-se sempre alguma coisa no meu cérebro”; isto é, dizer que o cérebro pensa é uma expressão bruta, porque sou eu inteiro (incluindo a dimensão

suficiente) da neurobiologia, perspectiva como fundamental a dimensão relacional.

Deste modo, perante uma perspectiva mais equilibrada, não poderemos abandonar o dualismo substância/acidente (mas sem cair no outro extremo do materialismo eliminativista), e considerar que aquilo que nos dá “alma”, que nos dá vida, é a nossa experiência de relação interpessoal?<sup>8</sup> É precisamente esta dimensão relacional vivificante que é abordada por Martin Buber e outros filósofos como Gabriel Marcel, Emanuel Lévinas, Paul Ricoeur, entre outros.

Para Buber o ser humano é relação, por isso é absurdo advogar um “eu” em si<sup>9</sup>, substancial, fechado no seu círculo cartesiano<sup>10</sup>. Assim, torna-se necessário substituir uma leitura substancial por uma leitura relacional, uma ontologia da substância por uma ontologia da relação. Pois, “a pessoa toma consciência de si como participante do ser, como um ser-com”<sup>11</sup>.

#### **b) A existência que acontece no encontro**

A relação fundamenta a existência. Se duvidarmos disto “retiremos todas as nossas relações na reciprocidade - com os pais, os filhos, os irmãos, marido e mulher, namorados, professores, estudantes, empresários, trabalhadores, colegas, nacionais, estrangeiros, com a natureza, com o passado, o futuro, a história, a divindade - e o que é que fica?”<sup>12</sup>

Cada ser humano sabe existencialmente (mesmo sem explicitação) que a vida não está marcada pela dimensão do nada. Se o

---

relacional) que penso. Cf. CHANGEUX, J.-P. e RICOEUR, P. – *O que nos faz pensar?* Lisboa: Ed. 70, 2001, p. 46.

<sup>8</sup> Cf. DINIS, Alfredo – “O que é o Ser Humano? Desafio das Ciências Cognitivas”. In: MAJOR, João Carlos – *O que é ser humano?* CD-ROM v1.0. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga; IPDCC, 2003, p. 6.

<sup>9</sup> Cf. BUBER, M. – *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro Editora, 1977, p. 4.

<sup>10</sup> É importante salientar que René Girard refere que apenas se partirmos das relações concretas que se estabelecem entre os seres humanos, podemos escapar do ponto de vista individual do sujeito todo-poderoso, origem de todas as nossas impotências, ou de muitas delas. Cf. GIRARD, R. – *Los Orígenes de la Cultura*. Barcelona: Editorial Trotta, 2006, p. 152.

<sup>11</sup> BUBER, M. *Op. Cit.*, p. 74.

<sup>12</sup> BORGES, Anselmo – “Ser é ser em relação”. In: *Jornal Diário de Notícias*, [http://dn.sapo.pt/2007/07/21/opiniao/ser\\_e\\_em\\_relacao.html](http://dn.sapo.pt/2007/07/21/opiniao/ser_e_em_relacao.html) . Consultado em 20/12/08.

nada pautasse a vida do ser humano, então, ele nada poderia ser; “sem o outro, o EU não é, assim como sem o EU, o TU não seria”<sup>13</sup>. O sentido radical e existencial da pessoa só pode ser alguém, um TU, num encontro vivificante. Esse TU apresenta-se como “graça”<sup>14</sup>, ou seja, gratuidade, dom, ao qual o EU toca acolhê-lo. Se o EU persistir em ficar fechado no seu “cogito” cartesiano está num caminho de ilusão e degenerescência (egotismo) acabando por se atrofiar existencialmente, pois, o ser humano não se constrói singular e monologicamente, mas no encontro dialógico da pluralidade.

Portanto, perante a pergunta existencial<sup>15</sup> da vida (porque sou?) esta se desvelará no encontro. Pois, a existência acontece no encontro, e o encontro fundamenta a existência. Porque sou? Por um TU inato<sup>16</sup> (o “a priori” da relação, amor originário), vivido na expressão dos meus pais que me fizeram, e vivenciado em cada TU com quem me encontro; assim, sou recriado por cada um dos TU’s que me habitam e me fazem EU. Por isso, como afirma Buber, no princípio é a relação.

### 3. Dupla atitude do ser humano

A dimensão relacional do ser humano é dupla “de acordo com a dualidade das palavras-princípio que ele pode proferir”<sup>17</sup>. A palavra-princípio (EU-TU ou EU-ISSO), “uma vez proferida, fundamenta um modo de existir. Ela é uma palavra originária, fundamental, *Grundwort*”<sup>18</sup>. Perante uma das palavras-princípio, como EU-TU, não temos duas palavras (o Eu e o Tu), mas uma forma de relação “entre” ou *zwischen*; ou seja, “a categoria do entre não é algo do Eu, nem é a própria subjetividade ou a subjetividade do outro, ela é o que está entre os dois. É o espaço ontológico do encontro original”<sup>19</sup>.

---

<sup>13</sup> SIDEKUM, A. – *A intersubjetividade em Martin Buber*. Porto Alegre: EST/UCS, 1979, p. 76.

<sup>14</sup> Cf. BUBER, M., *Op. Cit.*, p. 12.

<sup>15</sup> Cf. SIDEKUM, A., *Op. Cit.*, p. 21.

<sup>16</sup> Cf. BUBER, M., *Op. Cit.*, p. 31.

<sup>17</sup> BUBER, M., *Op. Cit.*, p. 3.

<sup>18</sup> ZUBEN, Newton – “Introdução”. In: BUBER, M., *Op. Cit.*, pp. XLV-XLVI.

<sup>19</sup> RIEG, Rubens – *A relação dialógica: a descoberta do zwischen em Martin Buber*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007, p. 83.